



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

O pensamento de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos: ainda aprendemos com a experiência de Angicos/RN¹

El pensamiento de Paulo Freire para la educación de jóvenes y adultos: todavía aprendemos de la experiencia de Angicos/RN

RESUMO

Passados quase sessenta anos da experiência idealizada por Paulo Freire vivenciada em Angicos/RN, direcionada para alfabetização de jovens e adultos. Apontamos neste artigo algumas lições que essa proposta evidencia para o nosso contexto atual. Neste sentido através de uma cuidadosa descrição, no qual os elementos históricos e contextuais dialogam com um cenário de emergência de movimentos de educação e cultura popular no início dos anos 1960, trazemos a experiência de Angicos/RN como uma prática de educação conscientizadora e libertadora. Podemos destacar como lições herdadas dessa experiência, a compreensão de que a Educação de Jovens e Adultos constitui uma modalidade de educação reparadora, equalizadora e qualificadora, com características próprias que necessitam de políticas educacionais direcionadas a

formação de professores e professoras para atuarem de maneira adequada, atendendo as necessidades dos jovens e adultos, de forma mais sensível e humana, rompendo e ressignificando práticas e estratégias de ensino ultrapassadas e ineficazes. Buscando desta forma, fortalecer a função social da escola, apoiando-se sempre nas bases teóricas e conceituais de Paulo Freire.

Palavras-chave: Experiência. Angicos. Paulo Freire. Educação de Jovens Adultos.

RESUMEN

Pasados casi sesenta años de la experiencia idealizada por Paulo Freire vivida en Angicos/RN, orientada a la alfabetización de jóvenes y adultos. En este artículo señalamos algunas lecciones que esta propuesta destaca para nuestro contexto actual. En este sentido, a través de una cuidadosa descripción, en que los elementos históricos y contextuales

¹ Artigo anteriormente publicado no livro Paulo Freire **culturas, ética e subjetividades no ensinar e aprender**, organizado por Roseane Maria de Amorim e Eduardo Jorge Lopes, editora do CCTA, 2018.



Livia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

dialogan con un escenario de emergencia de movimientos de educación y cultura popular a principios de los años sesenta, traemos la experiencia de Angicos/RN como una práctica educativa sensibilizadora y liberadora. Podemos destacar como lecciones heredadas de esta experiencia, el entendimiento de que la Educación de Jóvenes y Adultos constituye una modalidad de educación reparadora, igualadora y cualificadora, con características propias que necesitan de políticas educativas orientadas a la

formación de docentes para actuar de manera adecuada, cumpliendo las necesidades de los jóvenes y adultos, de una manera más sensible y humana, rompiendo y replanteando prácticas y estrategias docentes obsoletas e ineficaces. De esta manera, buscando fortalecer la función social de la escuela, siempre utilizando las bases teóricas y conceptuales de Paulo Freire.

Palabras clave: Experiencia. Angicos. Paulo Freire. Educación de Jóvenes Adultos.

Historicamente, a Educação de Jovens e Adultos (deste ponto em diante identificada pela abreviatura EJA) não consta como prioridade nas agendas políticas, ficando sempre à margem do esquecimento. Denominada anteriormente de educação de adultos, essa modalidade de ensino somente começou a ser pensada no início do século XX. Em períodos anteriores, como o colonial, o império e a primeira república, as ações foram bastante insignificantes (PAIVA, 2003).

Somente a partir da segunda década do século XX, devido ao crescimento urbano e ao desenvolvimento industrial, há um maior empenho na luta contra o analfabetismo, tanto por parte de movimentos civis como por meio dos oficiais. Especificamente na década de 1940, começa a surgir uma política voltada para a EJA, devido à alta taxa de analfabetismo na população com mais de 18 anos (55%), resultados do Censo desse mesmo ano. Segundo Beisiegel (2008), nessa década, também começam os primeiros movimentos voltados para a inclusão das grandes massas de adultos analfabetos.



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

Contudo, as experiências de caráter popular voltadas para a questão da EJA passam a ganhar destaque nos anos 1950 e 1960, a partir de um clima de muita efervescência político-cultural, advinda do seguinte contexto internacional: fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Guerra Fria, a descolonização da África e da Ásia, a Revolução Cubana (1959), o Concílio Vaticano II (1962-65) e o desequilíbrio da hegemonia capitalista (JARDILINO; ARAÚJO, 2014).

Todos esses fatos repercutiram também aqui no Brasil, pois as mudanças econômicas, políticas e culturais confirmavam o advento de grandes transformações sociais. O país havia se industrializado e se urbanizado e passava por um processo de democratização desde a queda do presidente Getúlio Vargas, em 1937. Concomitantemente, emergem a crise social no campo e a pregação da reforma agrária, assim como crescem o movimento político da área sindical urbana, o movimento estudantil e as mobilizações em favor das chamadas reformas de base². Germano (2011, p. 390) acrescenta informações sobre essa realidade, mencionando:

Partidos reformistas conseguiram ampliar os seus espaços no parlamento, e políticos identificados de esquerda conseguiram ser eleitos para altos cargos executivos (governador, prefeito) em diversos estados e cidades importantes do país. De igual modo a igreja passou a se envolver mais com as questões sociais [...].

² Eram propostas do Governo João Goulart que visavam alterações bancárias, fiscais, urbanas, administrativas, agrárias e universitárias. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reformas_de_base>.



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

Nesse cenário, no início dos anos 1960, proliferaram-se os movimentos da Educação e Cultura popular, muitos deles inspirados no pensamento pedagógico de Paulo Freire. Esses movimentos foram encabeçados por estudantes, intelectuais e integrantes da igreja católica, juntamente com grupos populares que já desenvolviam trabalhos educativos. Assim, atuaram educadores do MEB (Movimento de Educação de Base), ligados à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), dos CPCs (Centros de Cultura Popular), organizados pela UNE (União Nacional dos Estudantes), dos Movimentos de Cultura Popular, integrados por artistas e intelectuais, que recebiam apoio de administrações municipais, da CEPLAR (Campanha de Educação Popular) na Paraíba, que tinha vínculo com o estado e, ainda, da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, ligada à Secretaria Municipal de Educação de Natal/RN.

No estado do Rio Grande do Norte, além da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, realizada em Natal, no ano de 1961, que objetivou diminuir o analfabetismo, adotando os Círculos de Cultura como metodologia para alfabetização de adultos, o grande destaque foi a experiência de 40 horas de alfabetização de Angicos. Segundo Lyra (1996), como não foi possível testar suas ideias em larga escala na sua terra, a partir do apoio recebido, Paulo Freire aceitou fazê-la em terras potiguares.

Angicos foi o local escolhido. Distante mais de 150 quilômetros da capital Natal, na época o referido município possuía um grande índice de mortalidade infantil e o índice de analfabetismo era de mais de 70% da população, conforme Lyra (1996).



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

É importante salientar que o financiamento do projeto piloto se deu através do governo estadual do Rio Grande do Norte, em convênio com a superintendência para o desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e a *United Agency for International Development* (USAID). Assim, em dezembro de 1962, um grupo de estudantes, em sua maioria universitários, realizou o levantamento do universo vocabular da população de Angicos, com o intuito de colocar em prática uma proposta de alfabetização dos adultos. O grande desafio era fazer com que os participantes, no caso, 300 (trezentos) alunos, aprendessem a ler e a escrever e que também viessem a se politizar em 40 horas, a partir de um método de alfabetização de adultos com práticas não usuais, como menciona a citação abaixo:

As 'classes' eram substituídas pelos 'círculos de cultura', os 'alunos' pelos 'participantes dos grupos de discussões', os 'professores' cediam lugar aos 'coordenadores de debate'. De igual modo, a 'aula' era substituída pelo 'debate' ou pelo 'diálogo' entre educador e educandos e o 'programa' por 'situações existenciais' capazes de desafiar os agrupamentos e de levá-los a assumirem posições de reflexão e crítica diante das condições dessa mesa existência. (BEISIEGEL, 2008, p. 184)

Outra inovação nas práticas de alfabetização dentro da experiência de Angicos foi o combate às cartilhas, a partir do qual, à medida que o grupo ia se alfabetizando, proporcionalmente, criava a sua própria cartilha (LYRA, 1996). Os trabalhos eram iniciados a partir de discussões em torno do conceito de cultura. Através do levantamento do universo vocabular, surgiam as palavras geradoras da alfabetização, e assim começavam os debates.



Livia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

A experiência de Angicos foi caracterizada pelo seu ineditismo e eficácia, principalmente pelo seu significado político, que ganhou visibilidade nacional e internacional. Podemos apontar que Angicos representou uma nova forma de pensar a educação, uma contribuição para a constituição da democracia e cidadania:

Angicos, além de símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil, é marco da universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista. Angicos foi um projeto de cultura popular que imaginou e concebeu uma política nacional de educação para uma sociedade democrática com justiça social. (FERNANDES, 2014, p. 14)

Muito além da capacidade de ler e de escrever palavras isoladas ou frases curtas, mesmo que com muita dificuldade, os resultados obtidos com as 40 horas de alfabetização mostraram uma nova maneira de instituir políticas públicas de educação de jovens e adultos capazes de combater ou amenizar o analfabetismo. A experiência de Angicos foi também um espaço de germinação de práticas e ações da educação popular no nosso país, direcionadas a pessoas adultas excluídas do direito de estudar, e representou um rico manancial que influenciou gerações e políticas de educação em vários países (GUERRA, 2014).

Assim como em Angicos, em seu sistema de alfabetização, Freire propôs que os processos metodológicos para a alfabetização de adultos ultrapassassem as técnicas neutras e fossem viabilizadas na perspectiva da conscientização para a transformação da realidade. Para tanto, o educador pernambucano se manifestou contrário à educação bancária que desumaniza o homem e o converte em recipiente



Livia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

e expectador dos fatos, apontando uma concepção de educação problematizadora e libertadora. Na perspectiva do próprio Freire (2014, p. 86): “É que, se os homens são seres de busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a ‘educação bancária’ pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação”.

Outro elemento fundamental do pensamento freireano foi a forma de conceber os analfabetos, os quais deveriam ser reconhecidos com sujeitos da educação e não como objetos dela, sendo criadores e portadores da cultura. O papel da educação, nesse contexto, seria libertar esses sujeitos de uma consciência ingênua para construir uma consciência crítica, em que a alfabetização seria o instrumento que possibilitaria essa conquista, alicerçados numa relação dialógica. Como aponta Freire (2014, p. 115), “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo”.

Conforme mencionado, a prática do seu método de alfabetização consistia inicialmente na pesquisa do universo vocabular dos educandos. Em seguida, escolhiam-se as palavras pesquisadas, selecionando-as pela riqueza fonêmica, pelas dificuldades fonéticas da língua e aquelas pertencentes a situações significativas da realidade social, cultural e política. Essas seriam as palavras geradoras, que serviriam como ponto de partida da discussão, seguidas da decomposição das famílias fonêmicas equivalentes aos vocábulos geradores (PAIVA, 2003).

Posteriormente, as palavras geradoras eram substituídas por temas geradores, que, na verdade, acabavam criando uma demanda de conhecimentos



Livia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

interdisciplinares e contribuíssem para uma leitura de mundo mais abrangente e crítica.

Ora, esses temas concretos da vida que espontaneamente aparecem quando se fala sobre ela, sobre seus caminhos, remetem a questões que sempre são as das relações do homem: com o seu meio ambiente, a natureza, através do trabalho; com a ordem social da produção de bens sobre a natureza; com as pessoas e grupos de pessoas dentro e fora dos limites da comunidade, da vizinhança, do município, da região; com valores, símbolos, ideias. Reunidos para serem materiais de discussão em fases mais adiantadas do trabalho [...], estes são os *temas geradores*. (BRANDÃO, 2013, p. 39, grifos do autor)

O uso dos temas geradores permitia uma melhor compreensão da realidade e, dessa forma, possibilitaria maiores condições de intervenção nela. Depois que os resultados das primeiras experiências com o método de alfabetização se espalharam pelo país, foram propostos, por líderes estudantis, educadores, intelectuais e membros de movimentos sociais, programas federais orientados pela proposta de Paulo Freire. Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Educação, tendo o método de Paulo Freire como instrumento norteador. No entanto, devido ao golpe militar em 1964, o PNE foi interrompido alguns meses depois.



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

A herança cinquenta anos depois ...

A experiência mencionada nos faz pensar que alfabetizar, principalmente jovens e adultos, significa educar para aprender a ler, a escrever e a contar o mundo, não como uma experiência neutra, mas percebendo que as palavras e os números servem também para ler e interpretar a realidade, assim como nos ensinou Paulo Freire.

Angicos foi um sonho, uma utopia possível de ser realizada em favor da inclusão social de milhares de jovens e adultos, sobretudo, nordestinos, que viviam (muitos ainda vivem) na miséria material, política e do mundo letrado.

Angicos mostrou ao povo e ao Brasil que é possível equalização e justiça social a partir da garantia do direito à educação e não apenas uma propaganda política. Depois da experiência de Angicos, herdamos um legado pelo qual o educando-sujeito da EJA, não era mais concebido como alguém sem saber, uma espécie de tábula rasa, pelo contrário, Freire nos mostra o valor que o ser humano possui e que os saberes que eles acumularam ao longo de suas histórias de vida, servem de pontapé inicial para o processo de alfabetização. Tudo se parte do que se sabe para atingir o que ainda não se sabe ou não domina. Nesse sentido, Freire ratifica a necessidade de que a educação, sobretudo escolar, tem de levar em consideração a inconclusão humana dos seres humanos, reconhecendo que “[...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento (FREIRE, 2005, p. 50).



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

E, a valorização dessa humanidade inconclusa, se deu, entre outros, a partir da valorização do universo vocabular daqueles/as que sob o jugo do opressor não reconheciam que sua gramática era um ponto de partida para enxergar e se perceber no mundo, como cidadãos de direitos e não apenas de deveres.

Angicos nos deixou ainda, a esperança de que se é possível fazer educação popular, com seus princípios e metodologias no espaço formal de educação, com inovação metodológica e pedagógica exclusivas para a EJA.

Mas, também, Angicos nos provoca a refletir que a EJA ainda precisa superar velhos e atuais desafios, tais como:

- a infantilização dos educandos jovens e adultos;
- metodologias adequadas e contextualizadas à modalidade;
- conteúdos construídos com os próprios educandos;
- adequação do tempo dos educandos ao tempo escolar;
- escolas que assumam a modalidade como parte integrante de sua ação pedagógica;
- reconhecimento da diversidade de sujeitos que compõem a EJA: diversidade geracional, sexual, gênero, etnia, religiosa etc.;
- cumprimento das funções requeridas à modalidade: **reparadora**, com o objetivo de devolver ao indivíduo a restauração de um direito negado; **equalizadora**, criando condições para que o indivíduo possa restabelecer a sua trajetória escolar; e **qualificadora**, propiciando a atualização de conhecimentos por toda a vida como função permanente;



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

- e, formação de professores para atuar na modalidade. Muitos, em processo final de carreira na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental são relocados à EJA, sem formação ou mesmo identidade com a modalidade.

Concluindo, a proposta pedagógica freireana, a partir da experiência de Angicos, deixou uma herança para a EJA, ou seja, que a mesma ainda tem muito chão para trilhar. Cinquenta anos depois, houve avanços, mas ainda há muitos desafios, e, entre os elencados acima, ainda persistem a alfabetização de mais de doze milhões de jovens e adultos. E, esse dado é significativo, especialmente, se há o interesse político de oportunizar a inclusão social desse contingente populacional.

Referências

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. Brasília: Líber Livro, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção Primeiros Passos).

FERNANDES, Francisco das Chagas. Brasil celebra os 50 anos de Angicos. In: GADOTTI, Moacir (Org.). **Alfabetizar e Conscientizar**: Paulo Freire 50 anos de Angicos. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014. p. 13-19.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.



Lívia Sonalle do Nascimento Silva - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Eduardo Jorge Lopes da Silva - Universidade Federal da Paraíba

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GERMANO, José Willington. **As quarenta horas de Angicos**. São Paulo: Cortez, 2011.

GUERRA, Marcos. As 40 horas de Angicos: um legado. In: GADOTTI, Moacir (Org.). **Alfabetizar e Conscientizar: Paulo Freire 50 anos de Angicos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014. p. 83-111.

JARDILINO, José R. L.; ARAÚJO, Regina M. B. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas**. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção Docência em formação: Educação de Jovens e Adultos).

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

PAIVA, V. P. **História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 2003.

Recebido em 03 de março de 2021

Aprovado em 15 de março de 2021